

A RECEPÇÃO CRÍTICA DE *HARRY POTTER* E AS ESTRATÉGIAS MIDIÁTICAS DE CONSAGRAÇÃO

Ângela Maria de Oliveira Lignani

Desde meados do ano 2000, a mídia dos grandes centros tem dado destaque aos livros da escritora britânica Joanne Katleen Rowling, expostos nas vitrines das maiores livrarias brasileiras. Com apenas quatro livros publicados, Rowling está se tornando o maior fenômeno de vendas dos últimos tempos. Sua entrada no mercado editorial aconteceu com o lançamento do livro *Harry Potter and the Philosopher's Stone* pela Bloomsbury Publishing Plc, em Londres, no ano de 1997. Seguiram-se: *Harry Potter and the Chamber of Secrets*, em 1998; *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*, em 1999; e *Harry Potter and the Goblet of Fire*, em julho de 2000.

O marketing no Brasil foi modesto, se cotejado com a publicidade em torno do quarto livro, em junho de 2001, e que provocou uma corrida às livrarias, numa eficiente estratégia de lançamento simultâneo na Inglaterra e Estados Unidos.

Quando se iniciava a comercialização no Brasil, em 2000, no exterior, o mercado realizava uma investida inusitada para um produto que jamais recebera um tratamento tão agressivo, apesar de já conhecidos os mecanismos de fabricação de um best-seller.

O segundo livro de J.K. Rowling chegou ao Brasil em agosto de 2000, quatro meses depois do primeiro. Na ocasião, a Editora Rocco, proprietária dos direitos de comercialização, colocou 12 meninos fantasiados de Harry Potter em diversos shoppings do Rio e São Paulo, esperando esgotar a tiragem de 100 mil exemplares em pouco tempo.

Informações do Departamento de Comunicação da Editora, em *e-mail* de 24 de outubro de 2001, confirmaram a venda, no Brasil, de cerca de 800 mil exemplares da série e 110 milhões no mundo, dos quais 50% nos EUA e Canadá.

O fato que se agrega à questão do marketing é que as crianças gostaram do que leram. Muitos pais se viram surpreendidos com o comportamento dos filhos que trocaram a televisão e o videogame pela companhia do livro. Alguns nunca haviam lido um livro mais extenso ou sem ilustrações. Acrescente-se a isso o início de uma propaganda boca-a-boca que fez crescer ainda mais a *febre* pelos livros do pequeno bruxo Harry Potter e conseqüente formação de um fã clube que não cessa de crescer e que se estende pela internet, ocupando espaço considerável entre os 150.000 sites sobre o assunto.¹ Os *sites* dos fãs se organizam mais ou menos da mesma forma, apresentando informações sobre os livros, personagens, feitiços, jogos, e os prêmios recebidos pela escritora.

A mídia acompanhou cada passo, registrando as várias reações. Haroldo Ceravoto Sereza, em reportagem de 19/08/2000², traz a opinião de leitores mirins que conversaram com a psicanalista Miriam Chnaiderman e a escritora de livros infanto-juvenis, Tatiana Belinsky. Talita M. Amâncio e Heitor Dib Carneiro, ambos de 11 anos e ambos filhos de jornalistas, deixaram evidente que gostaram do livro pela qualidade da trama. Tatiana mostrou-se conhecedora das resenhas críticas sobre o livro e já havia, naquela ocasião, produzido o seu próprio texto crítico para ser discutido na aula de português.

A aceitação dos livros continuou crescente, despertando a atenção de vários tipos de leitores, dentre os quais, professores e críticos literários. A entrada desses leitores no circuito da recepção provocou a polêmica sobre as qualidades literárias do texto. Entre os críticos, Harold Bloom e Marina Colasanti tiveram seus artigos escolhidos para encabeçar um fórum de debates que aconteceu no *site LeiaBrasil*,³ iniciado em 17/01/01.

Para Bloom, Rowling teria apenas reeditado um livro de 1857, *Tom Brown's school*

¹ LOBATO, Eliane. A Mágica de um livro. *ISTO É*. Editora 3, 2001, n° 1656, p.60-62, 27/06/01

² Disponível em: <<http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2000/08/19/cad968.html>> Acesso em 23/10/2001

³ Disponível em: <<http://www.leiabrasil.com.br/leiaecomente/harrypotter.html>> Acesso em 2/10/2001

Days, de Thomas Hughes, e revisto através do espelho mágico de J.R.R. Tolkien, autor da saga *O senhor dos anéis*. Segundo ele, a leitura de um texto que não exige maior acuidade do leitor, não incentivaria o conhecimento de autores maiores como: 'Kenneth Grahame's *The Wind in the Willows* or the Alice books of Lewis Carroll. Is it better that they read Rowling rather than not read at all? Will they advance from Rowling to more difficult pleasures?' ⁴

Por sua vez, Marina Colasanti reconhece a eficácia da estratégia de marketing que ela gostaria de ver aplicada no Brasil, cujo processo de divulgação da Literatura Infantil não proporciona o acesso direto do público infantil às obras a ele destinadas:

No Brasil, as editoras de livros infantis investem pesado na sedução dos professores. O que conta é a adoção em colégios. Os **pais**, e as próprias crianças são ignorados. O público desconhece os lançamentos – entre os quais, se pudesse, teria dificuldade em escolher, uma vez que praticamente inexistente apoio crítico – e o livro cai no colo da criança sem que ela tenha tido qualquer participação na sua escolha.

Esse quadro tira da literatura infantil qualquer visibilidade, e inviabiliza corridas às livrarias mesmo para obras de altíssima qualidade.

No resto do mundo a venda de HP se realiza através dos canais utilizados para qualquer outro livro infantil. **Mas, como no Brasil**, as verbas empenhadas e o gigantismo da operação são sem precedentes no universo da literatura para crianças.

Para que tudo fosse possível, porém, era necessário um livro ou, melhor ainda, uma série. E era preciso que tivesse poder de sedução (grifos da autora).⁵

Os comentários no *site* permitiram detectar diferentes posturas que tendem a supervalorizar os livros ou menosprezá-los como fruto de uma coisa menor a envolver a própria conceituação de literário.

Essa recepção polêmica se divide entre os que admiram cada vez mais a escritora, os críticos que lhe atribuem um conceito menor e os pais que atestam uma modificação na relação

⁴ BLOOM,Harol.Disponível em: <<http://www.leiabrasil.com.br/leiaecomente/harrypotter.htm>> *The Wind in the Willows* de Kenneth Grahame ou os livros de Alice de Lewis Carrol. É melhor que eles leiam Rowling ao invés de não ler todos os outros? Será que eles partirão de Rowling para prazeres mais difíceis?

⁵ COLASANTI,Marina.A inauguração de uma nova estratégia.Disponível em: <<http://www.leiabrasil.com.br/leiaecomente/harrypotter.htm>>

criança X leitura. Criou-se uma rede de interlocuções em que professores do segundo e do terceiro graus, leitores comuns, editores, opinaram sobre os livros, concordando ou não com a análise dos dois articulistas, Bloom e Colasanti, que classificaram a escritora como alguém que oferece um produto manipulado, aproveitando tudo o que já se produziu em termos de literatura e entregando um artigo de segunda. Dentre páginas e páginas, selecionei alguns como breve amostragem:

Nunca achei que a leitura – mesmo as de fácil entretenimento – fosse capaz de degradar moral ou intelectualmente as pessoas. Ou deixar de enriquecê-las de alguma forma. Temos uma capacidade impressionante que deve ser usada e desenvolvida, e por isso volto a lembrar: só lendo e experimentando gêneros e estilos nos tornamos capazes de desenvolver um gosto próprio. **Lúcia J.R.Nascimento**. Professora de dança – 23 anos

Eu ia me calar, pois já fiz meu comentário, mas não agüentei a arrogância mediana de uma leitora média investindo contra Marina Colasanti, expondo seu miserável preconceito contra o que ela chama “intelectual desconhecido” Aí está o mal, que temos de combater: o analfabetismo literário do leitor médio, que é mimado pelo marketing, pela mídia, pelo mercado, que deveriam estar a serviço do melhor. Tudo está nivelado pelo néscio mediano. Este é o nosso horror. **Ana Cândida Costa, editora** (em resposta ao comentário da anterior)

Se parto do princípio de que a leitura é uma atividade e que os sentidos que advêm dela são construídos no movimento dialógico entre autor, texto e leitor situados sócio-historicamente, devo também partir do pressuposto de que os sentidos de um texto são determinados igualmente pelo contexto de produção, circulação e recepção. Daí a ironia do título deste artigo: “*Harry Potter* e o efeito Tostines”. Ou seja: Harry Potter vende mais porque é bom ou é bom porque vende mais? **Maria de Fátima Cruvinel – professora da Universidade Federal de Goiás.**

Marina Colasanti fez um longo comentário sobre a série de livros da autora JK Rowling. Pelo que pude compreender de seu texto, no final das contas, ao pesar os prós e contras, ela chegou a conclusão de que o livro seria uma grande revisão de todas as grandes lendas existentes. E segundo seu ponto de vista, isso seria um ponto contra a autora. Não consegui compreender essa visão. (...)

É muito difícil, depois de tantos anos de literatura mundial, haver um livro REALMENTE original. Em meio a tantas histórias parecidas, se destacam aquelas cujos autores são capazes de dar a seus textos um encaminhamento que prenda o leitor, ou uma visão nova de um mesmo fato. **Ana Cecília Soares – 17 anos.**

A pergunta que eu faço é: Como vão ficar os leitores de Harry Potter quando terminar a série de livros? O que é que professores/críticos/resenhistas/literatos têm para sugerir? Pelo visto nada. Certamente lendo certas resenhas pedantes e pretensamente eruditas da Folha de São Paulo, um adolescente de 15 anos ou um contador de 45 vão achar literatura uma chatice, um mundo acessível apenas aos iluminados que conseguem mostrar toda aquela erudição. **Ignácio Dotto Neto – mestrando em Teoria Literária**

Percebem-se, nos comentários, as mais diversas posturas e a defesa de seus pontos de vistas levam ao velho ditado de que *gosto não se discute*. Acredito que não se possa simplesmente desprezar Harry Potter que, no mínimo, está provocando uma transformação no âmbito da leitura. E a título de conclusão dessa amostragem, ressalto ainda o posicionamento de Maria das Graças Costa Val, pertencente ao quadro docente da UFMG, que também participou do Fórum do *LeiaBrasil*:

Quando autor intelectual e impopular junta e refaz material alheio, é intertextualidade, é chic, é arte. Quando um livro que agrada o grande público o faz, é “material literário de segunda mão. Nenhum locutor é o Adão bíblico, já dizia o velho Bakhtin. Se o livro fosse chato, não haveria estratégia de marketing que fizesse ele sair das prateleiras. Em vez de criticar, seria melhor pensar em estratégias de marketing para vender melhor outros bons autores infantis(...) Deixa os meninos ler, gente! Pára de implicar, de achar ruim porque o povo tá lendo! Que coisa mais de cabeça pra baixo! **Maria da Graça Costa Val**

O comentário da professora Graça Costa Val aponta para um detalhe a ser considerado no que tange à qualidade e marketing, relacionados diretamente à análise da recepção dos livros, vista em três momentos: a publicação de *Harry Potter e a pedra filosofal* marca a entrada de uma autora desconhecida no circuito literário, cujo livro fora recusado por algumas editoras antes de ser lançado, sem nenhuma publicidade, em 1997. Em consequência da propaganda boca-a-boca, levada a efeito pelas crianças inglesas, a partir do segundo livro, iniciou-se o trabalho de divulgação, culminando com o lançamento do quarto livro dentro do que foi considerado o melhor em termos de estratégia de marketing, que a pesquisa nos jornais permite reconstituir através de manchetes sugestivas:

Menino Harry Potter vem brincar no Brasil

Editora Rocco lança no País o primeiro volume da série de livros para crianças escrita pela escocesa J.K. Rowling, que já vendeu cerca de 30 milhões de exemplares em todo o mundo

Jornal da Tarde – São Paulo – 8 de abril de 2000

Menina 'fura' o segredo do 'Harry Potter'

O segredo que rondava o enredo das novas aventuras de Harry Potter foi desfeito. A quarta novela do garoto-feiticeiro, com lançamento previsto para 8 de julho nos Estados Unidos e Inglaterra, chegou antes às mãos de uma menina de 8 anos nos EUA. Laura Cantwell, de Fairfax, na Virgínia, já está lendo avidamente *Harry Potter and the Goblet of Fire*, da escocesa J. K. Rowling(...)

O fato provocou pânico nas duas editoras da autora, a britânica Bloomsbury e a americana Scholastic, que estão guardando a sete chaves a trama do quarto volume de Harry Potter, e já resultou em uma investigação para esclarecer quem furou as normas de segurança.

Jornal da Tarde – São Paulo – 3 de julho de 2000

Crianças na rua à meia-noite. E por um livro

O lançamento do livro Harry Potter e o cálice de fogo, da escocesa J.K. Rowling, nos EUA e na Grã-Bretanha, na madrugada de ontem, **foi um balde de água fria naqueles que entendem que, depois da Internet, o consumo de livros está diminuindo (...)** (grifo meu)

Antes da zero hora de ontem, milhares de crianças (que deveriam estar na cama) se acotovellavam na porta das principais livrarias dos EUA e da Grã-Bretanha. Para amenizar a espera, livrarias tradicionais dos dois países, como a Waterstone's, Woolworths e a Barnes e Nobles, organizaram festas e shows de magia.

Assim que os caminhões carregados de exemplares chegaram, as crianças correram para os balcões. Alguns não perderam tempo: sentaram-se no chão e já começaram a ler. Para compensar o esforço e a perseverança dos pequenos clientes (e dos pais), algumas lojas ofereceram café da manhã.

Jornal da tarde – São Paulo – 9 de julho de 2000

Fenômeno Harry Potter rende-se ao marketing

Segundo volume da série de J.K. Rowling, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, chega às livrarias brasileiras apoiado em campanhas publicitárias e embalado pelo sucesso no exterior, onde a série já está no quarto volume

O Estado de São Paulo - 18 de agosto de 2000 Haroldo Ceravolo Sereza

Harry Potter conquista leitor adulto

Com sua obra divertida, irônica e precisa, J.K. Rowling inscreve-se na galeria dos grandes autores do gênero

O estado de São Paulo – 18 de agosto de 2000 Moacir Amâncio

(Reportagens obtidas no portal <http://www.estado.estadao.com.br>)

A forma de tratamento da mídia, já nas manchetes, escapa ao questionamento apresentado no site. Ao dar a palavra a especialistas e entrevistando o leitor infantil, em cujo comportamento

se percebe a reverência reservada aos ídolos, o jornalista Moacir Amâncio inclui-se entre os que endossam o valor da escritora. Em seu depoimento, diz ter começado a leitura da série de Rowling pelo último volume, considerando que “ninguém consegue enganar todo mundo em 734 páginas” e procurando detectar influência de Tolkien, figura consagrada pelos britânicos, e concluindo pela inserção da autora na “galeria dos grandes no gênero”, lugar que lhe é recusado por Bloom, em nome de uma tradição literária inglesa, da qual Rowling estaria bem distanciada. Seguindo o tom de exaltação, a divulgação do filme, pela televisão, apresentava-o como “baseado num clássico da literatura”. Também a expressão grifada “foi um balde de água fria naqueles que entendem que, depois da Internet, o consumo de livros está diminuindo”, em matéria não assinada, reforça o que passou a ser senso comum naquele momento, colocando-se a consagração numa instância que valoriza aspectos discutíveis e nem sempre consensuais no circuito acadêmico.

Finalmente, é importante analisar o papel da escola e dos professores durante o processo de consagração dos livros da escritora escocesa. Alguns depoimentos, como o da professora Sônia Cafaro, demonstram a responsabilidade daqueles que realmente assumem o papel de educadores.

(sic)Sou diretora do Externato Bem me Quer, onde mantenho alunos de 1 a 10 anos. Comecei a ler o primeiro livro de Harry Potter apenas para ficar por dentro do assunto, já que sou uma diretora participante e ativa. Fiquei tão apaixonada, que já li o segundo e o terceiro e estou aguardando ansiosa a chegada do quarto volume. Acho sim, que as histórias de Monteiro Lobato e outros autores deveriam ser mais divulgadas e usadas na programação escolar, pois viver num mundo de fantasia é muito divertido e instrutivo ver também Os doze trabalhos de Hércules. Concordo que deveríamos fazer uma corrente para que a televisão voltasse a criar episódios sobre os livros de Monteiro Lobato, Harry Potter e outros mais. O que está faltando para as nossas crianças é um pouco mais de pureza, pois temos violência e sexo demais!!!! Nas programações.(...)

O educador não receptivo às novidades que assediam o mundo infantil perde a oportunidade da interação em que acontece a aproximação de amizade, de cumplicidade que, às

vezes, também, deve entrar como componente na relação professor/aluno. Os depoimentos informam que os contatos com o livro foram feitos através de adultos que decidiram presentear afilhados, sobrinhos, netos ou filhos. Muitos falaram sobre a falta de sensibilidade de professores que catalogaram os livros como moda passageira, ou que se tratava de uma coisa menor, fato abordado pela jovem que se tornou minha primeira colaboradora:

(sic)E achei mto interessante sua pesquisa. Bem, tenho 16 anos e fiquei sabendo do livro pela minha irma. A L. tem 11 e eh uma viciada em livros. Ela gosta de Ruth Rocha, coisas assim mas os le muito rapidamente, entao recentemente ela comecou a ler livros... digamos 'maiores'. Eu a convenci a ler Jostein Gaarder, que eu adoro e ela ateh se empolgou e comecou ler 'A Viagem de Theo', da Catherine Clement. Na verdade jah tinhamos ouvido falar do livro Harry Potter, mas soh conheciamos criticas ruins, dos professores de litertura. Ouviamos dizer que era 'uma modinha que ia passar logo', era 'apenas um livro subliterario para passar o tempo'etc... Mas um dia minha avo chegou com o primeiro livro e falou que todas as crianças estavam gostando, provavelmente a L. ia gostar tambem. Bom, nao preciso dizer que ela o leu em um dia e adorou. Na mesma semana ela comprou o 2 e o 3. Eu estava atrapalhada com os livros pro vestibular, acho que estava lendo Memorias de um Sargento de Milicias, na epoca, entao nem liguei muito. Mas assim que entrei de ferias, li o primeiro para saber como era e depois o segundo e o terceiro. Quando o quarto chegou, a gente 'brigava' para le-lo. Bom, agora eu acabei de ler Memorias Postumas de Bras Cubas, para o colegio e estou lendo Hemingway, mas eu e a L. nos divertimos lendo Dilea Frate, às vezes. Quanto ao que pode mudar com Harry Potter...Bem, acho que jah estah mudando.

Tirando as criticas dos adultos chatos, que falam que os livros nao tem boa qualidade, o livro foi feito para criancas, e sao as criancas quem tem que gostar. Nosso pais jah eh tao pobre nesse aspecto, que um pequeno estimulo a leitura jah eh uma grande coisa. Por exemplo, a nossa empregada, a C., nao costumava ler. Depois que ela ouviu a L. e as amigas dela dizerem o quanto gostaram do livro, ela comecou a ler e jah leu os 4. Entao acho que – e espero que – a partir desse gosto pela leitura que estah surgindo com o Harry Potter, as crianças terao cada vez mais acesso aos livros e isso eh muito bom! Continue escrevendo

Outra garota de 15 anos, aluna do primeiro ano do segundo grau, diz adorar Harry Potter e já ter lido todos os livros do Tolkien também. Assim a pottermania, num primeiro momento, não está impedindo a leitura de obras mais complexas, como temia Bloom, da mesma forma como, há algum tempo atrás, *Meu pé de laranja lima* foi lido por outras gerações, ao lado das leituras obrigatórias de então.

Ao lado das experiências desestimuladoras, encontrei registros de educadores que estão aproveitando ao máximo a pottermania para estimular seus alunos, colocando o livro na biblioteca de suas escolas, engajados no incentivo à leitura. Na verdade, o desafio do professor é tornar-se também um grande leitor. O estudo do professor Antonio Augusto Gomes Batista sobre as relações dos professores com a leitura (MARINHO:1998,52) fornece mais elementos para a compreensão do que ocorre no ensino de literatura, na verdade, incentivo à literatura, já que não se ensina a gostar, o que se faz é estimular uma atividade que deve ser o mais prazerosa possível, para que o aluno deseje repetir sempre. “Os professores não-leitores”, abordados pelo professor Antônio, confessam-se inaptos para estimular uma atividade que não exercem e nunca tiveram hábito de praticar. Também a professora Lílian Lopes Martin alerta para a situação do professor que manda ler apenas dentro do universo que ele conhece, mantendo o aluno preso a escolhas que nada tem a ver com os seus interesses. (GERALDI,1984:71-74)

Trocar idéias sobre algo que se leu de forma divertida, repete a emoção da leitura e reforça estímulos positivos em torno dessa atividade. É o que se percebe na troca que acontece entre os pottermaníacos. Enquanto esperam pelo quinto livro, num dos sites, os leitores estão escrevendo suas próprias versões. Numa delas, intitulada *Antes de Harry Potter*, a jovem autora começa a história dos pais de Harry no período em que eles freqüentavam a escola de bruxarias.

Vêm-se, portanto, os professores num momento de desafio, já que obras como Harry Potter, cercadas por controvérsias, demandam uma forma de lidar com as necessidades diferenciadas dos alunos, que exigirão, por parte do professor, maior disponibilidade e capacidade de diálogo, sintonia com o tempo em que se vive para o estabelecimento de pontes que levem de um tipo de texto a outros, alargando os horizontes dos jovens, usuários de

linguagens que podem ser rejeitadas pelo professor, ao se utilizarem de um modelo não consensual, como o da escritora escocesa.

Uma apreciação inicial da narrativa revela a preferência da autora pelo *mostrar* (*showing* - predomínio do estilo direto), em detrimento do *narrar* (*telling*). Dá-se o que alguns leitores chamaram de ação em cascata, e um suspense contínuo. A construção imagética economiza na descrição, tão detestada pelo adolescente, mas apela para um imaginário já globalizado pelos contos de fadas. Harry Potter é um bruxo de 10 anos que não sabe que é bruxo até ser convidado para a escola Hogwarts. Seu aspecto, mais para o anti-herói, faz com que as crianças se identifiquem com ele, já que, nem sempre, se comporta como manda o figurino. Ele não é bonitinho, nem perfeito, além de ser visto como a versão masculina da gata borralheira, o que não é empecilho para que a maioria dos leitores se apaixone. Tais elementos, dispostos de forma extremamente visual, explicariam a aceitação crescente da atual geração infanto-juvenil. Como educadora, vejo, aqui, o ponto de partida do trabalho a ser executado: a construção de elos para outros textos, só realizável quando existe um mínimo de empatia entre professor e aluno.

Bibliografia

BLOOM, Harold. How to read Harry Potter and why . Disponível:

<<http://www.leiabrasil.com.br/leiaecomente/harrypotter.htm>> acesso em outubro/2001

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1991.

COLASANTI, Marina. A inauguração de uma nova estratégia. Disponível em: <[http://](http://www.leiabrasil.com.br/leiaecomente/harrypotter.htm)

www.leiabrasil.com.br/leiaecomente/harrypotter.htm> acesso em outubro/2001

GERALDI, W. João. *O texto na sala de aula*. Cascavel: ASSOESTE, 1984, p 71-76.

LOBATO, Eliane.A mágica de um livro. *ISTO É*. São Paulo:Editora Três, nº 1656, ano 2001, 27 jun, p.60-62

MARINHO, Marildes, SILVA, Ceris Slete Ribas da.(orgs) *Leituras do professor*. Campinas: Mercado das letras,1998

ROWLING, J.K.*Harry Potter e a Pedra filosofal*. Trad.Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

_____.*Harry Potter e a Câmara Secreta*. Trad.Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

_____.*Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

_____.*Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

TOLKIEN, John Ronald.Revel. *Senhor dos Anéis*. Trad. Lenita Maria Rimoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VAL, Maria da Graça Costa.Disponível em:< <http://www.leiabrasil.com.br/leiaecomente/harrypotter>> acesso em outubro/2001